

Temporalidade, Uso de drogas e Fenomenologia

Temporality, Drug use and Phenomenology

Marcelo Sodelli¹

¹ Professor assistente-doutor do curso de Psicologia da PUC-SP. E-mail: msodelli@pucsp.br.

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de compreender o fenômeno do uso de drogas a partir da singularidade da temporalidade humana possuindo como sustentação teórica a perspectiva filosófica do pensamento fenomenológico-hermenêutico de Martin Heidegger. Para tanto, iniciaremos esta investigação desenvolvendo uma breve introdução sobre a analítica existencial de Heidegger presente na obra *Ser e tempo*. Em seguida, abordaremos a relação do ser humano com as drogas buscando uma aproximação com a noção de temporalidade. Por fim, apresentaremos alguns desdobramentos em relação ao manejo clínico, ressaltando o fracasso da exclusividade da abstinência como o objetivo mais importante na clínica da dependência, meta esta defendida pela postura proibicionista.

Palavras-chave: Drogas; temporalidade; fenomenologia.

Abstract

The present article aims to understand the phenomenon of drug use from the uniqueness of human temporality, having as theoretical support the philosophical perspective of Martin Heidegger's phenomenological-hermeneutic thought. To do so, we will begin this research by developing a brief introduction on Heidegger's existential analytic present in the book *Being and Time*. Next, we will approach the relation of the human being with drugs seeking an approximation with the notion of temporality. Finally, we will present some developments in relation to clinical management, highlighting the failure of the abstinence exclusivity as the most important objective in the clinic of dependence, a goal that is defended by the prohibitionist stance.

Keywords: drugs; temporality; phenomenology.

Introdução

Uma das maiores contribuições do pensamento fenomenológico é a simples, mas importante, constatação de que não podemos estudar e compreender o Homem da mesma forma como o fazemos com outros seres e objetos. Podemos distinguir duas condições fundamentais entre esses entes (tudo que existe, todos os seres vivos e objetos) e o *Dasein*,² termo proposto pelo próprio Heidegger para indicar o caráter peculiar e distinto da existência humana.

A primeira condição fundamental é que o *Dasein* é o único ser que sabe da sua finitude, de que um dia sua vida vai terminar, de que ele é um ser mortal. Assinala Nunes (2002, p. 22): “desde o princípio o *Dasein* está predeterminado pelo seu fim”. O homem sabe que um dia virá em que ele não mais “será” ou “existirá”. Para a fenomenologia existencial, esta diferença marca um modo distinto de o Homem estar no mundo, muito diferente dos outros entes, uma vez que é o único ser que tem de conviver com o seu-ser-para-a-morte e é livre para realizar uma opção entre viver ou morrer. Desta condição ontológica, nascem dois sentimentos inerentes ao *Dasein*: a angústia e a culpa.

A ameaça do não-ser (a morte) é a fonte da angústia primordial do *Dasein*, a qual vivenciamos por meio do confronto entre a necessidade de realização das nossas potencialidades e o perigo de não ser capaz de realizá-las. Discutindo a essência da angústia, Boss (1975) esclarece que cada angústia humana tem um *de que*, do qual ela tem medo, e um *pelo que*, pelo qual ela teme. O *de que* de cada angústia compreende a possibilidade real do *Dasein* de um dia não estar mais aqui. O *pelo que* da angústia nos remete à própria condição existencial do *Dasein*, ou seja, a responsabilidade de zelar e cuidar de sua continuidade no mundo.

A culpa é outra importante singularidade do modo de ser do *Dasein* a qual não está relacionada às proibições ou tabu culturais, mas, fundamentalmente, à consciência³ de que o ser do *Dasein* está sempre em jogo. Deste modo, temos sempre que escolher um

² *Dasein* é o homem compreendido como o ser-existindo-aí. *Dasein* é sempre uma possibilidade no qual se encontra como uma abertura para a experiência. Tal característica ficará cada vez mais evidente com a explicitação da estrutura do ser-no-mundo, sendo esta estrutura a constituição ontológica do *Dasein*. Ser-no-mundo, por sua vez, designa um fenômeno unitário que comporta uma pluralidade de momentos estruturais indissolavelmente ligados: o mundo, o ente que está no mundo e o ser-em.

³ Consciência deve ser entendida aqui, como nos ensina Inwood (2002), como o “saber junto - com”, quer dizer, o *Dasein* é convocado por ele mesmo a dar conta do seu ser (existir). Conhecer esta tarefa é ter consciência do apelo do ser, do estar-aí-no-mundo.

modo de ser e, como tal, podemos falhar nesta escolha. A culpa, então, se vincula à consciência da não-realização integral das potencialidades, da necessidade imperativa de efetuar certas escolhas, em detrimento de outras. Para melhor entendermos o sentimento de culpa, vejamos a segunda diferença fundamental entre o *Dasein* e os outros entes.

A segunda condição fundamental é que o Homem nasce com o seu ser livre. O *Dasein* é essencialmente livre, no sentido de ser capaz de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados de sua existência. Os outros animais já nascem destinados a serem eles mesmos, pois não têm a possibilidade de ser outra coisa. Por exemplo, uma abelha já nasce abelha, não há outra possibilidade, a não ser existir como abelha. Por outro lado, o Homem nasce possibilidade e não determinação.

Tomemos como exemplo a condição existencial de um cão que, livre do mundo que o cerca, será sempre um cão, experimentando o mundo como um cão, independentemente de ser criado por cães ou por humanos. Seria possível afirmar que, fenomenologicamente pensando, se um homem fosse criado por macacos, ele experimentaria o mundo como Homem (*Dasein*)? Parece que os outros animais só podem experimentar a condição existencial de sua espécie. Qualquer animal, sem ser o Homem, quando nasce, só pode ser aquilo que ele já é. Não há abertura. Podemos dizer o mesmo do Homem? Na compreensão Fenomenológica Existencial, o homem se torna *Dasein* unicamente na sua relação de ser-com-os-outros (humanos). *Dasein* é sempre uma possibilidade, na qual se encontra uma abertura para a experiência. O homem é o ser-existindo-aí.

Entretanto, o *Dasein* não existe isoladamente sem o mundo em que habita que, por sua vez, também não existe separado do *Dasein*. Isto é, o homem não é uma simples “coisa” no meio de outras coisas, nem uma interioridade fechada dentro de si mesmo. Daí a importância de compreender a expressão fenomenológica “ser-no-mundo” que aponta primeiramente para um fenômeno de unidade e é deste modo que devemos compreendê-la. Esta expressão deve ser entendida como uma estrutura de realização, visto que a existência do homem como “ser-no-mundo” se desenvolve num mundo de realizações, interesses e explorações, de lutas e fracassos. É importante perceber que, na visão heideggeriana, o homem não está dentro de um mundo, quer dizer, não existe um mundo anterior no qual o homem foi colocado, tampouco o homem existe para depois criar um mundo. O homem “é” (existe) na exata medida de seu “ser-em” (na sua relação com o mundo). Não existe anterioridade entre esses dois movimentos (Heidegger, 1993).

Porém, mesmo sendo possibilidade, o Homem não vive solto no mundo, sem rumo. Ao contrário, por sua condição ontológica de abertura, de ter-que-ser alguma coisa, todo o tempo, o Homem se entrelaça no mundo, por meio da busca incessante pelo sentido. Como aponta Heidegger (1993, p. 208), “sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão”. Esta busca de sentido nunca termina, pois o ser do Homem sempre está em jogo, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto. O sentido da existência consiste no estar-lançado-no-mundo, como seu destinar-se, seu rumo. E é esse sentido da existência que vai impulsionando e pressionando a mundanização de nosso mundo, toda a ambientação de nosso lugar de vida, nosso trabalho, nosso fazer. Assim, a força motivadora da vida humana é a busca que o homem empreende para dar um sentido à sua existência (Barash, 1997).

Mas como já dissemos, o *Dasein* não está lançado e aberto ao mundo aleatoriamente. O *Dasein* se abre ao mundo por meio da disposição, ou seja, da forma que é onticamente conhecida como o humor, os estados de humor. A disposição é o estado em que nos encontramos, é o modo de ser-em com que nos sentimos, com que nos dispomos ao mundo. Salienta Heidegger (1993, p. 192) “na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro”. Tudo que chega ao homem o faz por intermédio dos estados de humor. Portanto, a compreensão do homem em relação às coisas é sempre emocionada. Pela disposição é que as coisas são descobertas, como boas, temíveis, indiferentes, interessantes, ameaçadoras etc. É o homem existindo no mundo, sempre à luz de uma disposição emotiva (Safranski, 2000).

Este modo peculiar de existir, no qual se abrem, a todo instante, infinitas possibilidades de ser, tendo como horizonte o próprio não-ser (a morte), se apresenta para o Homem como uma tarefa árdua, difícil e angustiante. O Homem tem que dar conta do seu existir e ninguém pode realizar esta tarefa por ele. Esta escolha dos modos de ser não se dá por meio de uma ponderação temática do pensamento, mas, conforme acrescenta Heidegger (1993), é sempre posterior a algo para o que já fomos preparados pela disposição (estados de humor), embora ela talvez seja a primeira e única de que nos damos conta. Por este último motivo, sempre achamos que é através da ponderação do pensamento que escolhemos.

Assim, Heidegger (1993) nos alerta que não podemos confundir a abertura do ser-no-mundo no humor com o que o *Dasein* conhece, sabe e acredita sobre si mesmo. A abertura da disposição (os estados de humor) possibilita e desenvolve o que o *Dasein* representa, por meio da emoção e afeto, sem que necessariamente tenha um movimento de consciência. A maioria das pessoas apresenta a compreensão dos estados de humor por meio do velamento, ou seja, daquilo que ainda não foi intelectualmente compreendido.

Por outro lado, isto não quer dizer que o *Dasein* não seja compreendido. Heidegger (1993) assinala ainda que a compreensão é um modo de ser-em tão originário quanto a disposição. Compreender é entendido, por este autor, como um ato de tornar visíveis e familiares, às entidades e aos seres, suas utilidades e serventias. É permitir uma atribuição de significados tanto na relação com as coisas como na relação das coisas. Nessa atribuição de significados, inclui-se a compreensão que, por sua vez, já traz implícita a interpretação. Compreender e interpretar são estados existenciais básicos do *Dasein*, do seu ser-no-mundo, quer dizer, é um modo do homem ser e existir no mundo. Para Heidegger, não há compreensão sem interpretação. Concordando com essa ideia, salienta Dartigues (2005) que a interpretação é a explicitação do compreendido, ou seja, é o significado que se abre na compreensão do mundo, que indica o para-quê (utilidade e serventia) do que é compreendido.

O ser das coisas está no lidar dos homens com elas e no falar; está numa trama de significações que os homens vão tecendo entre si mesmos e por meio da qual vão se referindo e lidando com as coisas. Deste modo, conclui Critelli (1996), os significados não estão nas coisas, mas na compreensão do *Dasein*. Por esta razão, é possível para o *Dasein* atribuir significados novos ao mundo que o rodeia.

Heidegger (1993) considera que o homem é sempre passageiro, lançado em um mundo e está sempre entregue à responsabilidade de si mesmo. O estar lançado significa a facticidade do homem, ou seja, pelo fato de estar-aí, o homem já revela um modo global de se relacionar com o mundo e o compreender, testemunhado na disposição e na compreensão. Estando-aí, o homem é, antes de tudo, o mundo que ocupa e que o preocupa. O conhecimento não é senão a articulação de uma pré-compreensão, na qual o homem sempre já se encontra. Assim, Heidegger denuncia um sujeito concretamente definido e historicamente situado.

Como já discutimos, ao dar-se conta de ser, de poder-ser, o Homem percebe que tem que dar conta de seu ser, ou seja, tem que dar conta de sua existência e, sobretudo,

isto está sob sua responsabilidade. Assim, o Homem tem que “cuidar de ser”. Os homens tomam para seu cuidado tudo o que pertence à existência: o mundo, as coisas do mundo, os outros homens, si mesmos. Heidegger define como “cuidado” o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. É o “cuidado” que torna significativas a vida e a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, é cuidar (Loparic, 1999).

Heidegger (1993) afirma que a escolha desse cuidar não é aleatória. Esse cuidar está baseado, em última análise, em uma escolha com tríplice aspecto, a saber: do que se vai cuidar ou não (o que está próximo ou distante de nossos cuidados); de como se vai cuidar ou não (o modo como se cuida); de como se vai cuidar desse cuidar mesmo. Podemos dizer que a escolha “de que cuidar” e “do modo de cuidar” retiramos do nosso mundo herdado, quer dizer, da cultura do mundo em que nascemos. O modo de cuidar do modo de cuidar do que se tomou sob cuidados é o que nos leva mais propriamente ao âmbito do sentido. Esse sentido deve ser entendido como um rumo que apela, em outras palavras, a uma destinação, em que se abre a possibilidade de se cuidar de ser, dando-se conta de ser numa certa direção e não em outra. Como já afirmamos, é através da disposição (os estados de humor) que o *Dasein* cuida do existir. Dessa forma, cuidando de existir é que o sentido originalmente se manifesta.

Faz-se necessário ainda assinalar a *temporalidade* do *Dasein*, que é o movimento extático, isto é, o *Dasein* só retroverte (passado) advindo (futuro) a si, e porque retroverte ao advir é que gera o presente (Nunes, 2002). Assim, o futuro é uma antecipação, o passado, a retomada do que uma vez foi possível, e o presente, o instante da decisão. Fenomenologicamente, o passado ainda está no presente, no presente está comprimido o passado, como no passado antecipa-se o futuro. Deste modo, o *Dasein* existe temporizando-se, entre o momento em que nasceu até a sua morte.

A experiência nos campos temporais no uso de drogas

A breve exposição acima buscou demonstrar que a existência humana se desdobra no mundo de um modo totalmente diferente de qualquer outro ser vivo. Mais importante ainda é compreender que as leis naturais não dão conta em explicar como o ser humano acontece. Claro que a Fenomenologia não é ingênua a ponto de negar a influência dessas leis na interação do homem com o mundo, entretanto, ressalta que essas leis não são

suficientes para abarcar a totalidade e singularidade do modo como o Homem experimenta o mundo. De imediato isso quer dizer que não devemos explicar o comportamento humano com as drogas se balizando nas leis naturais. Se a existência humana fosse realmente sustentada prioritariamente pelas leis naturais, muito do que fazemos para lidar com o fenômeno da dependência de drogas teria alcançado sucesso absoluto. Justamente por não levarem isto em consideração, na sua radicalidade, as clássicas áreas de prevenção e de tratamento não conseguem dar conta do fenômeno do uso de drogas (Sodelli, 2007).

Nesta direção, é importante ainda termos clareza de que a maconha que um jovem experimenta atualmente não é a mesma maconha fumada pelos hippies, nos anos sessenta. E isto não tem a ver com as possíveis variações nas propriedades farmacológicas da cannabis, por exemplo da quantidade de THC, mas sim, com o modo como esta substância é apresentada para este jovem, a saber, a partir das tramas sedimentadas do mundo que é o dele. A noção de ser-no-mundo sinaliza que o uso de drogas é sempre atravessado pelos significados sedimentados de mundo. Isto quer dizer que o encontro do Homem com as drogas nunca se dá de modo neutro, fora de um horizonte de mundo, a margem do sentido de uma época. Como já discutido anteriormente, o *Dasein* se relaciona com tudo que existe a partir do mundo que é o seu, a partir da lida com as coisas, a partir do que se fala das coisas na relação de ser-com-os-outros. Explicar a experiência do Homem com as drogas por meio das reações neuroquímicas que ocorrem no cérebro é assumir o ser humano como um ente sem mundo, como se ele fosse um ente natural amputado da sua abertura ontológica fundamental, aquela que o possibilita experimentar o mundo como somente é possível para um *Dasein* humano (Sodelli, 2008).

Ampliando nossa compreensão fenomenológica do uso de drogas, podemos pensar na questão do tratamento clássico da dependência de drogas via a tentativa de manter o usuário em abstinência por meio da internação. Por que a maioria dos usuários que passam pela internação voltam a usar drogas? O que acontece com o ser humano para que mesmo depois de meses em abstinência ainda assim o risco da recaída se mantenha presente? Se fizéssemos um experimento simples com outros animais (entes naturais), com a instauração de dependência a algum psicoativo e, em seguida, a manutenção de um período de abstinência, questionamos; esses animais voltariam a procurar a substância, teriam uma “recaída”?

Ressaltamos que nenhuma área do conhecimento científico deve subjugar a outra, ou seja, tanto a farmacologia das drogas, quanto a medicina do corpo ou mesmo a psicologia da mente, não pode reivindicar uma supremacia do conhecimento como se fosse o espaço privilegiado da manifestação da verdade desse fenômeno. O uso de drogas que nos interessa conhecer é essencialmente um fenômeno humano e, como tal, se desdobra no campo semântico existencial do *Dasein*. Assim, o pensamento fenomenológico não se submete ao imperativo positivista da transformação da experiência em experimento, muito menos no uso tecnicista da técnica (Sodelli, 2016).

Forçoso é admitir que a extrema complexidade do fenômeno do uso de drogas se relaciona com a tarefa fundamental do *Dasein*: cuidar do próprio existir. O *Dasein* é o ente que sendo um poder-ser (ser-livre/abertura) tem sob sua responsabilidade cuidar das próprias possibilidades. Cuidado “é uma inquietude pre-ocupada com o mundo e as coisas intramundanas que, ao manifestar-se faz mundo, tornando presente o que se guarda e aguarda num exercício constante de acolhimento e luta, de descoberta e encobrimento” (Borges-Duarte, 2013, p. 171). É o cuidado que torna significativas a vida e a existência humana.

Desse modo, o sentido da minha vida, o modo como eu a vivo, aquilo que está sob minhas mãos, é de minha inteira responsabilidade. Como salienta Heidegger (2001), o sentido que *ser* faz para cada um de nós, individualmente ou coletivamente, revela-se na nossa relação com o mundo, no qual vamos tecendo e estruturando nossa vida cotidiana.

Ao mesmo tempo em que este modo de estar no mundo é sentido como algo prazeroso, que abre determinadas possibilidades, também é sentido como uma questão com que temos que lidar a todo tempo: sempre sou chamado a decidir sobre o modo como vou cuidar do meu ser-livre. Continua Heidegger (2001) mostrando que, por ser uma condição existencial do *Dasein* ter que cuidar do próprio existir, dando sentido para as coisas do mundo, e mais, sabendo que é impossível transferir esta tarefa para outro, por estas razões, o mundo pode se tornar um lugar inóspito, a vida pode ser sentida como um ônus, como um fardo que é preciso carregar. A experiência de ser *Dasein* é justamente compreender que a vida não está pronta e que temos que construir cotidianamente um projeto de vida, sem garantias, num tempo marcado entre o nascer e o morrer.

Assim, cuidar é procurar. O *Dasein* é aquele que pro-cura (cuida de si mesmo), é aquele que busca constantemente algo, uma experiência que possa ajudar a resolver a questão que ele invariavelmente é para ele mesmo.

Nesta mesma direção, Loparic (1999) alerta que o perigo que nos espreita e em toda parte nos acua é o mundo como mundo, originário e diretamente, que se abre para o *Dasein* desabrigado. O mundo inteiro não o pode completar. Consciente disto, o *Dasein* experimenta a angústia e desespero, dor e tédio. O *Dasein* tem que se construir, se manter e dar conta da sua vida cotidianamente, ser *Dasein* é ser o carcereiro da própria prisão, ninguém pode viver a vida e a morte que é a minha. Isto nos parece essencial: o ser humano é atravessado por uma vulnerabilidade existencial.

É desta vulnerabilidade existencial que se origina a abertura para o possível uso de drogas. Obviamente não é só por meio do uso de drogas que o homem busca o alívio do ter que cuidar do seu próprio ser. Outras atividades também podem proporcionar esta sensação, por exemplo, assistir a um bom filme, praticar esportes, participar de um culto religioso, ter um relacionamento sexual. Todas essas atividades podem nos possibilitar momentos prazerosos, nos quais experimentamos um desligar automático da nossa árdua tarefa do cuidar do nosso próprio ser, quer dizer, podem provocar uma alteração no sentido de realidade, alterando nossa relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo (Sodelli, 2016).

Sipahi e Vianna (2002) afirmam, por exemplo, que é muito comum, no início do uso de drogas, o usuário experimentar um modo de estar no mundo completamente diferente daquele modo cotidiano de ser. Ou seja, na compreensão fenomenológica, o uso de drogas pode proporcionar um modo mais agradável de estar no mundo, mesmo de maneira fugaz, como se a própria condição existencial tivesse sido mudada. Os desdobramentos desta experiência (uso recreacional, abuso, dependência) vão depender do modo como cada um cuida do seu existir, do modo como compreende o sentido de seu ser-no-mundo, enfim, de como cada *Dasein* assume e compreende o projeto de vida que é o seu, o quanto este projeto é ou não digno de ser vivido. Como, na compreensão fenomenológica, o sentido de ser-no-mundo não é algo passível de ser determinado, qualquer tentativa de prever os desdobramentos do modo de ser do *Dasein* estará destinada ao equívoco. Especificamente em relação ao uso de drogas, isto será revelado

vivencialmente (onticamente) pelos variados padrões de uso (experimentador, ocasional, habitual e dependente) e modos de uso (controlado, de risco e nocivo). Assim, podemos compreender por que para a fenomenologia o fenômeno da dependência de drogas não pode ser assumido como uma condição imutável, ou dito em outros termos, um dependente de drogas não está, de forma alguma, determinado a ser dependente para sempre (Sodelli, 2007b).

A existência humana sempre se dá no tempo. Justamente por isso é fundamental fazer a aproximação entre a temporalidade do *Dasein* (unificação dos campos passado/presente/futuro) com aquilo que é conhecido como a Classificação das drogas (depressoras/perturbadoras/estimulantes).

Sabemos que o *Dasein* tem que lidar com o campo temporal do passado/presente/futuro. A Fenomenologia ressalta que a experiência mais originária do *Dasein* com o tempo não é de forma representativa/calculante, na qual cada êxtase (ekstasis) temporal é vivido separadamente (tempo cronológico). A temporalidade originária é a unificação do campo temporal, sem que cada êxtase perca sua dimensão essencial. Como já dito, fenomenologicamente, o passado ainda está no presente, no presente está comprimido o passado, como no passado/presente antecipa-se o futuro.

Cada êxtase temporal, por sua vez, carrega características singulares. Nesta esteira, além de todas as possibilidades que já foram realizadas, o êxtase passado também comporta todas as que não foram escolhidas. Temos que lidar com o passado, com toda a sua potência específica daquilo que já passou, mas que ainda permanece no presente/futuro, pois o tempo passado, embora já acontecido, não está encerrado, o *Dasein* tem a abertura de poder ressignificar aquilo que já foi. O êxtase futuro são aquelas possibilidades que ainda estão por vir, estão abertas e que ainda se configuram como uma promessa que pode ser bem-vinda ou não, já que a falta de garantia atravessa esta temporalidade. O presente é a decisão, é a consumação de uma realização bem aventurada ou a frustração de uma decepção. O *Dasein* se temporaliza tendo que dar conta da sua vida no tempo.

Na obra *Seminários de Zollikon*, em uma conhecida passagem, Heidegger (2001, p. 75) diz:

Todas as três dimensões do tempo são co-originárias, pois não há uma sem a outra, todas as três são, para nós, co-originariamente abertas, mas não são equitativamente abertas. Ora uma, ora outra dimensão com a qual nos relacionamos, em que talvez estejamos até presos, é determinante. Nem por isso as outras duas dimensões desaparecem em cada caso, apenas são modificadas. As outras dimensões não subjazem a uma simples negação, mas a uma privação.

Assim, na lida cotidiana com o mundo, com os outros e com si mesmo, o *Dasein* pode se aprisionar num campo temporal. Por exemplo, em alguns momentos da vida o *Dasein* pode ser invadido por recordações (tudo que já foi ou não realizado) de forma tão avassaladora que todas as suas outras possibilidades de ser estreitam-se. Aqui o êxtase passado invade o presente e o futuro; o presente perde terreno para as questões passadas que são retomadas num ciclo vicioso; o futuro se desprende, se distancia e fica quase inalcançável; o êxtase passado predomina no campo temporal. Outro exemplo é a dominação do êxtase futuro. Esta experiência temporal diz respeito a um modo de ser possível para o *Dasein* que está sempre voltado para aquilo que ainda não aconteceu, que é uma promessa. O sentido deste acontecimento é que o mais importante está sempre à frente, os êxtases passado e presente perdem significância, esvaziando-se. Outra vez, mas de forma diferente, o campo temporal se estreita. Agora, sendo o passado e o presente esvaziados de sentido, o *Dasein* busca cada vez mais no futuro um acontecimento significativo, mas, justamente porque o êxtase futuro está desprendido dos outros, isto não pode se concretizar.

Vale ressaltar que a relação entre os êxtases temporais e o modo de ser ôntico do *Dasein* não é algo inédito, por exemplo, na obra *Fenomenologia das Psicoses*, o autor Arthur Tatossian (2006) faz uma interessante discussão aproximando psicopatologias (melancolia, mania e psicose) com as dimensões temporais balizadas em Heidegger.

As drogas, por sua vez, são classificadas por seus efeitos; depressoras, perturbadoras e estimulantes (Seibel & Toscano, 2001). Curioso é reconhecer que cada droga tem a potência de atuar de modo mais específico num campo temporal, intensificando o prazer ou diminuindo o desprazer característico de cada modalidade extática (Sodelli, 2016). Assim, as drogas depressoras, conhecidas por seu poder anestésico, podem mobilizar o tempo passado provocando esquecimento daquilo que traz sofrimento. Neste sentido, o dito popular sobre o álcool (droga depressora) se enquadra perfeitamente: “Vou beber para afogar a minhas mágoas”. Já as drogas perturbadoras (alucinógenas) trazem a possibilidade de experimentarmos outra realidade vivida,

alterando o tempo presente. Aqui, diferente do que o uso do álcool pode proporcionar, a procura não é para o esquecimento de algo doloroso: busca-se uma alteração na experiência do momento. A procura é por modificar a realidade cotidiana, alterar a percepção do mundo (coisas e pessoas), intensificando as cores, texturas, cheiros etc. O uso das drogas sintéticas, como o LSD, se encaixa nesta perspectiva. De forma menos intensa, mas também próxima, o uso da maconha pode modificar o tempo presente, alargando-o, sugerindo que tudo pode ser resolvido sem pressa, oferecendo uma sensação de relaxamento. Não é por acaso que a maconha é conhecida como uma substância apaziguadora. As drogas estimulantes, por seu lado, nos impulsionam dando força para alcançarmos o futuro, para realizarmos coisas, para termos motivação para enfrentar uma tarefa que ainda não se concretizou. Especificamente a procura seria por poder, poder-fazer-acontecer. Aqui, por exemplo, temos o uso clássico da cocaína feito pelos publicitários ou operadores de mercado financeiro, que procuram diminuir o desconforto da incerteza do tempo futuro impulsionados pelo efeito de poder-fazer-acontecer (estimulante) desta substância.

A investigação de Assis, Ranieri e Sodelli (2018, p. 38), que fez um estudo de campo qualitativo, por meio de entrevistas de profundidade com três usuários de drogas, reafirma a relação entre o uso de drogas e temporalidade.

(...) foi possível identificar uma certa relação com uso de determinadas classes de substâncias à alteração na compreensão dos campos temporais. Isto é, a divisão entre classes, depressora, perturbadora e estimulante, fazem forte relação com os êxtases temporais, passado, presente e futuro respectivamente. (...) É importante ressaltar que essa relação demonstra a droga sendo usada como mecanismo de tamponamento, por exemplo, falamos aqui do tédio, onde o tempo que é reparado, que é descoberto, sendo este tempo alongado, a droga passa a preencher este tempo vazio e sem sentido. Melhor dizendo, as drogas perturbadoras (maconha e alucinógenos), que se relacionam ao presente acabam por ter esse aparato, passando o tempo, preenchendo este tempo esvaziado. Já as drogas depressoras (álcool e opioides), se relacionam com o tempo passado, a droga é usada como ferramenta de anestesiar uma dor do passado, tirando uma dor proveniente da história de vida, no uso do álcool por exemplo, o objetivo pode ser o de esquecer os problemas. O último êxtase temporal, o presente, se relaciona às drogas estimulantes (ecstasy), em que no contexto de festas, por exemplo, o sustentar de horas e o extasiar-se, aparecem como projetos futuros, que são assegurados com o uso destas substâncias.

Afinado com o pensamento fenomenológico, o quadro acima descrito deve ser compreendido como uma primeira aproximação entre as drogas e a temporalidade do

Dasein. Seria ingênuo assumir que a procura do Homem pelo uso de drogas possa ser descrita unicamente pela supremacia de um dos êxtases da temporalidade do *Dasein*. Deve ficar explícito que o uso constante da palavra “procura” nos trechos acima já nos direciona para a noção fundamental de que a relação do Homem com as drogas se dá no horizonte do Cuidado, sendo a temporalidade o sentido ontológico do Cuidar. Neste sentido o cuidar também compreende outras modalidades de uso que não foram aqui apresentadas, por exemplo: o uso ritualístico/religioso; o uso para autoconhecimento; o uso cotidiano/social.

Entrelaçada com a temporalidade e o cuidado está a noção de projeto de vida. Tudo que fazemos e escolhemos, como também, tudo que não fazemos e não escolhemos está de alguma forma relacionado com o nosso projeto de vida. Projeto de vida não é só o que planejamos, não é o que está no domínio da razão, do intelecto. Por vezes planejamos e escolhemos caminhos, mas, de repente, algo acontece e nos impossibilita de realizá-los. Projeto de vida está no campo do sentido. Sentido é a direção para onde nossa existência aponta, mas também é como estamos indo nesta direção (sentido, sentir, sentimento). Sentido é o que faz a vida ser digna de ser vivida. Deve ficar claro que o sentido é sempre meu. Embora eu possa assumir ou emprestar o sentido do outro, nunca o outro pode me forçar a acolher o seu sentido. Isto equivale dizer que é impossível construir o projeto de vida para o outro. Esta construção é completamente singular e intransferível. Na clínica e, especificamente no tratamento dos problemas com uso de drogas, isto se mostra de modo fundamental.

Trabalhar terapêuticamente o projeto de vida de pacientes com problemas no uso de drogas é compreender que a tarefa mais importante é implicá-lo na vida que é a sua. Alertamos que “implicar” não significa resolver como o paciente deve viver a sua vida. Mas, ao contrário, é devolver para o paciente a responsabilidade de ser si mesmo.

Em muitos casos de dependência, o uso de drogas pode proporcionar uma experiência extremamente intensa e prazerosa: “o mundo se apresenta resolvido”. O problema é que da mesma forma, em muitos casos de dependência, esta experiência de mundo resolvido não consegue se sustentar. Certa vez um paciente disse a seguinte frase: “Quando eu usava cocaína tinha um único problema, conseguir a cocaína para usar, nada mais importava. Minha vida se resumia a isso. Quando parei de usar todos os outros problemas voltaram. É muito difícil trocar um problema por mil problemas”.

É nesse mesmo sentido que o procedimento de internação de longa duração (mais de 40 dias) deve ser repensado. Usar a internação como uma medida prioritária de tratamento é desconhecer o modo como o ser humano experimenta o mundo. A vida de um paciente internado é uma vida artificial, uma vida mecânica e estável. Uma vida em que o cuidado consigo mesmo é quase reduzido a nada. Entendemos que num ambiente assim o paciente não vive, apenas sobrevive. Praticamente a vida é reduzida ao presente. Que projeto de vida é possível construir numa internação?

Afinado com o pensamento fenomenológico, a internação, quando rigorosamente indicada (risco de vida pessoal ou de terceiros, grave comprometimento de saúde), deve ser utilizada como uma pequena parte de um tratamento muito maior. É na vida cotidiana que o paciente pode retomar as suas questões, repensar suas escolhas, redimensionar o uso de drogas. Diante disso a própria noção de “recaída” deve ser desconstruída. Não faz sentido pensar em recaída quando entendemos a questão do uso de drogas na esteira fenomenológica. Recaída só tem coerência se entendermos que o uso de drogas está fora da existência, quando não reconhecemos que usar drogas também faz parte do nosso cuidado. Ao nosso ver a ideia de recaída desresponsabiliza o paciente, e é justamente o oposto do que procuramos. Mais fundamental do que apenas falar que é “normal e esperado” que os pacientes tenham recaídas é entender junto com o paciente que sentido teve este uso, que procura foi esta, que lugar esta experiência ocupou. Naturalizar qualquer modo de existir humano é perder sua singularidade, é esvaziar o sentido que lhe é próprio.

Considerações finais

Considerando a totalidade da discussão sobre o uso de drogas e a Fenomenologia, gostaríamos de finalizar com um apontamento mais amplo. Entendemos que é de extrema importância revermos imediatamente as políticas sobre drogas, principalmente aquelas que estão balizadas no modelo de “Guerra às Drogas”. Primeiro, porque não existe Guerra às Drogas, e sim, guerra às pessoas que usam drogas. Segundo, não temos como acabar com a abertura no ser humano para o uso de drogas, para isto acontecer, seria necessário modificar a própria condição ontológica do *Dasein*. Deste modo, trabalhar para uma sociedade sem drogas é trabalhar para que o impossível aconteça. Todo e qualquer esforço, seja de caráter preventivo ou de tratamento, que pretenda universalmente ignorar

a abertura humana para o uso de drogas estará fadado ao fracasso. Temos que nos esforçar para trabalharmos no campo do possível. Para a prevenção do possível, para o tratamento do possível. Nosso único caminho é aprender a lidar com o fenômeno do uso de drogas: aprender a desenvolver aquilo que chamamos de ações redutoras de vulnerabilidade.

Lembramos, assim, que a relação entre uso de drogas e temporalidade pode nos ajudar a compreender outras dimensões desse fenômeno que nem sempre são fáceis de enxergar. Nesta esteira, outro elemento pouco investigado seria o uso de drogas e as tonalidades afetivas. O pensamento fenomenológico aponta para a importância de compreendermos o nosso existir a partir da própria noção de sentido, ou seja, não só olhar para a “direção” em que estamos indo, mas também nos preocuparmos com o “modo” (tonalidades afetivas) como estamos caminhando no nosso existir. Assim, em caráter de sugestão, indicamos a necessidade de novos estudos que busquem relacionar uso de drogas, temporalidade e tonalidades afetivas. O desafio seria ainda maior se fossem investigados esses três elementos considerando as tramas sedimentadas do mundo contemporâneo, a saber, aquilo que Heidegger chama de Era da Técnica.

Referências

- Assis, C.S., Ranieri, C.C., & Sodelli, M. (2018). *Fenomenologia do uso de drogas psicoativas*. Trabalho de Iniciação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.
- Barash, J. A. (1997). *Heidegger e o seu século: tempo do ser, tempo da história*. Instituto Piaget. Lisboa.
- Borges-Duarte, I. (2013). O tempo do cuidado e o tempo do mundo na análise existencial heideggeriana. In: Casanova, M.A; & Melo, R. F. *Fenomenologia Hoje IV: fenomenologia, ciência e técnica*. Riso de Janeiro: Via Veritas.
- Boss, M. (1975). *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Casanova, M.A. (2009). *Compreender Heidegger*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. (2006). *Nada a caminho: impessoalidade, nihilismo e técnica na Obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cavallari, D. C.; & Sodelli, M. (2010). Redução de Danos e Vulnerabilidade enquanto estratégia preventiva nas escolas. In: Seibel, S. *Dependência em Drogas*. 2a. Ed. Editora Atheneu, pp. 795- 811.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense.
- Dartigues, A. (2005). *O que é fenomenologia?* 9ª edição. São Paulo: Centauro.
- Haar, M. (1990). *Heidegger e a essência do Homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Vozes.
- _____. (2001). *Seminário de Zollikon*. Ed. Medard Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes.
- _____. (1993). *Ser e o Tempo*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes.
- Inwood, M. J. (2002). *Dicionário Heidegger*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Loparic, Z. (1999). Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. *Natureza Humana: Revista internacional de filosofia e práticas psicoterápicas*. PUC-SP, vol. I, n.1, São Paulo: EDUC.
- _____. (2004). *Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Nunes, B. (2002). *Heidegger e ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Ong, L.F.S. (2016). *O uso de drogas na consumação da modernidade*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Safranski, R. (2000). *Heidegger, um mestre na Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial.

Seibel, S. D.; & Toscano, A. Jr. (2001). Conceitos Básicos e Classificação Geral das Substâncias Psicoativas. In: Seibel, S. D., & Toscano, A. Jr. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu.

Sheldler, J.; & Block, J. (1990). Adolescent drug use and psychological health: a longitudinal inquiry. *American Psychologist*, 45, 612-630.

Sipahi, F. M.; & Vianna, F. C. (2002). A dependência de drogas e a fenomenologia existencial. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, n. 11, São Paulo: A Associação, pp. 85-92.

Sodelli, M. (2016). *Uso de Drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade*. 2 ed. Atual. – Rio de Janeiro: Via Verita.

_____. (2015). Drogas, prevenção e as ações redutoras de vulnerabilidades. In: Bokany, V. (org.). *Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça: proximidades e opiniões*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

_____. (2007). A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência e Saúde Coletiva*. Disponível em: <<http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigo>>. Acesso em: 10 dez. 2007.

_____. (2007b). A prevenção em nova perspectiva: ações redutoras de vulnerabilidade ao uso nocivo de drogas. *Revista Saúde Mental*, IX (2), Lisboa.

Tatossian, A. (2006). *A Fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta.